

Todas as cores da América:

A literatura multicultural¹

João de Mancelos

Um capítulo do livro

A identidade étnica na nação multicultural

1. Os Estados Unidos da América como uma sociedade multicultural

Se pudéssemos viajar no tempo, recuando ao século XVII, e subíssemos o rio Hudson num navio, observaríamos pequenos aldeamentos e colónias, pontilhando as margens. Nestes lugares, situavam-se as primeiras comunidades holandesas, francesas, dinamarquesas, norueguesas, suecas, inglesas, escocesas, irlandesas, portuguesas e italianas, numa espantosa variedade étnica. Se regressássemos ao Atlântico e viajássemos rumo ao sul, poderíamos ver os primeiros escravos negros, labutando nas plantações de algodão, de sol a sol, e várias colónias de alemães e franceses (Jones 15).

Ao percorrer o continente para o interior, na direcção do oeste, e ao transpor a fronteira (linha imaginária entre a civilização e as regiões por colonizar) deparar-nos-íamos com tribos ameríndias, reinando sobre as vastas planícies. Ao regressar ao leste, num passeio pelos pequenos portos e enseadas, ouviríamos falar português: centenas de judeus chegavam ao Novo Mundo, refugiados das perseguições da Inquisição no Brasil e em Portugal (Jones 15).

Dois séculos depois, o caleidoscópio étnico e cultural adquiria novos matizes: milhares de imigrantes das Balcãs e do Pacífico arribavam à terra prometida, a bordo de navios a vapor, mais rápidos e confortáveis do que os antigos veleiros. Juntavam-se aos alemães no oeste central, aos irlandeses no nordeste, aos escandinavos no Mississípi, aos franceses na Nova Inglaterra, aos asiáticos na costa oriental (Higham 14-15).

Se na Europa as nações se constituíam com base no triplo alicerce da mesma etnia, mesma língua, mesma cultura, nos Estados Unidos da América, as circunstâncias eram diferentes e espantariam os imigrantes do Velho Mundo. Por viajarem pelo território, os caçadores, os aventureiros e os militares estavam em condições privilegiadas para observar a multiplicidade étnica e cultural. Foi o caso de Michel-Guillaume-Jean de Crèvecoeur (mais tarde

¹ Mancelos, João de. *Todas as cores da América: A literatura multicultural*. Lisboa: Colibri, 2015.

conhecido por J. Hector St. John de Crèvecoeur), um francês que combatera no Canadá sob as ordens de Louis-Joseph de Montcalm-Gozon e que, mais tarde, exploraria, como cartógrafo, a região dos Grandes Lagos e do Rio Ohio, fixando-se numa quinta em Orange County. Crèvecoeur congeminou uma estratégia narrativa para explicar aos europeus a singularidade da jovem nação: escreveu uma série de cartas, assinadas por uma personagem ficcional, James, um agricultor norte-americano, dirigidas a um amigo inglês, F. B., que sentia curiosidade pelo Novo Mundo (Cunliffe 27).

A obra surgiu publicada em 1782, sob o extenso título *Letters from an American Farmer, Describing Certain Provincial Situations, and Conveying Some Idea of the State of the People of North America, Written to a Friend in England by John Hector St. John de Crèvecoeur*. Entre as várias questões, contam-se: “what is the American life like” (uma vida ordenada e pacífica, graças ao Iluminismo, argumenta James); “what is the life of an American farmer like in comparison to that of a European?” (o agricultor americano é mais próspero e independente, graças à democracia); e “What, then, is the American, this new man?”. James responde: “a mixture of English, Scotch, Irish, French, Dutch, Germans, and Swedes. (...) From this promiscuous breed, that race now called Americans have arisen”. Crèvecoeur utiliza três termos significativos, “mixture” e “promiscuous breed”, essenciais para compreender os EUA durante os séculos seguintes (Crèvecoeur 826).

O autor deteta ainda características sociopolíticas que ajudaram a definir o caráter do norte-americano: a América como refúgio (“This great American asylum”); o norte-americano como um trabalhador ambicioso (“The industry of his native country being displayed on a new manner: arts, sciences, ingenuity, fair cities, immense country, good roads”); a aparente igualdade entre os euro-americanos (“There are no aristocratical families, no kings, no bishops, no ecclesiastical dominions”); a tolerância na lei, por oposição à rigidez quase cruel da legislação inglesa ou francesa (“the indulgent laws”) (Crèvecoeur 823-828).

Por certo, esta conceção da sociedade norte-americana é imperfeita e enferma de diversos preconceitos discriminatórios e racistas. Repare-se que o entusiástico James não inclui no caleidoscópio as mulheres, os afro-americanos (na época, um quinto da população) e os ameríndios, vistos como tribos condenadas à extinção (Steinberg 3).

A carta de Crèvecoeur constitui um esboço da teoria do “melting pot”, segundo a qual o norte-americano seria o resultado de uma fusão entre etnias, de acordo com o modelo, tradições e língua do grupo dominante, o WASP (White Anglo-Saxon Protestant). Ao longo do tempo, pensadores como Harriet Martineau, De Witt Clinton, Lord Bryce, Herman Melville, Israel Zangwill, Gunnar Myrdal e Louis Hartz subscreveram esta ideia que é, como referirei, incorreta (Sollors XXVIII).

A expressão “melting pot” seria popularizada pela peça homônima de Israel Zangwill (1908), na qual os EUA são vistos como o lugar onde “all races and nations come to labor and look forward” (Zangwill 184-185). A referida peça estreou-se numa época em que afluíam aos EUA numerosos imigrantes irlandeses, italianos, alemães e polacos. Só entre 1820 e 1920, mais de dezoito milhões de pessoas desembarcaram nos portos norte-americanos, desejosos de trabalho e de uma vida mais confortável (Gossett 306)

Alguns nacionalistas zelosos, os “nativists” temiam inclusivamente que os estrangeiros não se deixassem assimilar, mantendo laços férreos com os países de origem, e que a língua inglesa, a religião protestante, a democracia e o perfil étnico WASP estivessem em risco. Será que os portões dourados da América se abriam escancaradamente aos perigos externos? Um poema de Thomas Bailey Aldrich, publicado em *The Atlantic*, em 1892, denuncia estes receios:

Wide open and unguarded stand our gates
And through them presses a wild, a motley throng —
Men from the Volga and the Tartar steppes,
Featureless figures of the Hoana-Ho,
Malayan, Scythian, Teuton, Kelt, and Slav,
Flying the Old World’s poverty and scorn;
These bringing with them unknown gods and rites,
Those, tiger passions, here to stretch their claws.
In street and alley what strange tongues are loud,
Accents of menace alien to our air,
Voices that once the Tower of Babel knew!
O! Liberty! White Goddess! Is it well
To leave the gates unguarded?
(Gossett 306)

A peça *The Melting-Pot* tenta aplacar os receios WASP, mostrando que os imigrantes mais não desejavam do que prosperar e contribuir para a grandeza da nova nação. O argumento centra-se na paixão entre o judeu David Quixano, um compositor talentoso, e Vera Revendal, filha de um barão que assassinara os pais e irmão de David durante um pogrom, um dos numerosos ataques massivos a judeus que marcaram a Rússia entre 1881 e 1884 (Klier e Lambroza XV-XVII). A persistência e o amor do músico levam-no a ultrapassar o ódio antigo, o desejo de vingança e a xenofobia que opõem as duas famílias. Na cena final, do alto de um telhado, David e Vera partilham a visão de uma sociedade multiétnica:

DAVID: [drops her hand and points downward.] There she lies, the great Melting Pot — listen! Can’t you hear the roaring and the bubble? There gapes her mouth [He points east.] — the harbor where a thousand mammoth feeders come from the ends of the world to pour in their human freight. Ah, what a stirring and seething! Celt and Latin, Slav and Teuton, Greek and Syrian, — black and yellow —
VERA: [Softly, nestling to him.] Jew and Gentile.

DAVID: Yes, East and West, and North and South, the palm and the pine, the pole and the equator, the crescent and the cross — how the great Alchemist melts and fuses them with his purging flame! Here shall they all unite to build the Republic of Man and the Kingdom of God. (Zangwill 198-199)

David permanece no imaginário da audiência como o “New Man” a que Crèvecoeur, séculos antes se referira, pois renasce nos EUA como um compositor de êxito, enquanto Vera, a revolucionária russa, emerge como uma mulher trabalhadora. Em suma, do texto dramático de Zangwill, infere-se que os ideais norte-americanos seriam absorvidos pelos imigrantes, através do casamento interétnico e da aceitação do modo de vida à imagem e semelhança do WASP.

No entanto, a História e a Demografia evidenciam que o “melting pot” ocorreu sobretudo entre os chamados velhos imigrantes, e numa escala mediana. A situação dos novos, chegados aos EUA entre 1881 e 1910, provenientes maioritariamente do sul e do leste da Europa, foi diferente: os italianos, croatas, sérvios, gregos e russos agruparam-se em bairros, preservaram costumes, festividades, religiões e pugnaram por manter a língua, através da imprensa étnica, por exemplo, ou do ensino em escolas comunitárias (Dawidowicz 158).

Em 1963, o sociólogo Nathan Glazer e o senador Daniel Patrick Moynihan elaboraram um estudo pormenorizado acerca das alterações no poder de vários grupos étnicos, da sua fixação em determinadas zonas da urbe, e da imagem que cada grupo tinha de si e procurava transmitir aos restantes. Nesse ensaio, intitulado *Beyond the Melting Pot: The Negroes, Puerto Ricans, Jews, Italians, and Irish of New York City*, os investigadores constataram que a sociedade norte-americana não constituía um “melting pot”:

The initial notion of an American melting pot did not, it seems, quite grasp what would happen in America. (...) As the groups were transformed by influences in American society, stripped of their original attributes, they were recreated as something new, but still as identifiable groups. Concretely, persons think of themselves as members of that group, with that name; they are thought of by others as members of that group, with that name; and most significantly, they are linked to other members of the group by new attributes that the original immigrants would never have recognized as identifying their group, but which nevertheless served to mark them off, by more than simply name and association, in the third generation and beyond. (Glazer e Moynihan 13)

Como facilmente se verifica, a sociedade norte-americana é multiétnica, multicultural, hifenizada. É certo que os grupos étnicos mudam, dinamicamente, através da interação diária com as outras comunidades, mas não é menos verdade que preservam certos traços importantes da sua essência ou maneira de ser coletiva. Enquanto alguns membros se afastam

e deixam ou desejam assimilar pelo atomismo WASP, outros assumem-se, orgulhosamente, como parte de uma etnia, que os ajuda a enquadrar-se na sociedade. Assim, reconfiguram-se em torno de interesses culturais, sociais, económicos e políticos comuns.

Usado para descrever esta realidade, o termo multiculturalismo surgiu pela primeira vez no *Times* de Montreal, em junho de 1959, e é utilizado por numerosos ensaístas, a par de expressões como “politics of difference”, “multiple traditions view”, “pluralistic democracy”, etc. Lawrence Fuchs opta pelo termo “kaleidoscope”:

‘Mosaic’, much more apt for pluralistic societies such as Kenya or India, is too static a metaphor; it fails to take into account the easy penetration of many ethnic boundaries. Nor is ‘salad bowl’ appropriate; the ingredients of a salad bowl are mixed but do not change. ‘Rainbow’ is a tantalizing metaphor, but rainbows disappear. ‘Symphony’, like a ‘rainbow’, implies near perfect harmony; both fail to take into account the variety and range of ethnic conflict in the United States. The most accurately descriptive metaphor, the one that best explains the dynamics of ethnicity, is ‘kaleidoscope’. American ethnicity is kaleidoscopic, i.e., ‘complex and varied, changing form, pattern, color’ (...). (Fuchs 276)

Agrada-me este termo, pois o caleidoscópio exprime mudança e permeabilidade de um grupo étnico às outras culturas, fruto do contacto quotidiano, sem que, no entanto, a identidade essencial do grupo étnico seja obliterada pelo WASP.

2. O que é a identidade étnica?

Esta questão é pertinente e as “identity politics” encontram-se no centro de inúmeros debates na sociedade, política e academia. Por isso mesmo, é importante precisar o sentido em que emprego esta expressão. Etimologicamente, o vocábulo etnia provém do grego “ethnos”, que significava os outros, e se aplicava aos estrangeiros da polis, com um sentido pejorativo. Esta negatividade foi retida durante centenas de anos: nos séculos XIV e XV, “ethnic” ou “hethnic” significava não cristão, com as conotações que tal epíteto assumia na mentalidade da altura (Sollors 25, 26). Nos anos quarenta do século passado, na linguagem vulgar, o termo apresentava ainda uma carga disfórica: “ethnic” era usado para designar os imigrantes mais pobres, sem emprego e presas do alcoolismo, mendicidade ou a prostituição (Gillespie 9).

Nos anos 80, ocorreu uma viragem, quando o vocábulo etnia se tornou recorrente na linguagem ensaística. Não é fácil encontrar uma definição completa e cientificamente correta deste termo, mas é possível descrever etnia como um grupo de indivíduos que partilham das

mesmas práticas culturais, língua, religião predominante, ancestralidade, história, relação com o espaço, valores, atitudes relativamente à sexualidade, formas de vestuário, etc. (Deng 1).

Esses aspetos conjugam-se para gerar a sensação de pertencer a um determinado grupo étnico, expressa pelo termo *etnicidade*, um conceito dinâmico, um sentimento de pertença a um grupo com certas características importantes comuns aos seus membros, um conhecimento da própria imagem, passado de geração em geração (Fischer 195-196)

A imagem de um grupo étnico não é estática, implicando, antes, vários processos dinâmicos. De facto, varia de acordo com o modo como esse grupo efetivamente é, ou gostaria de ser visto; a maneira como é percebido, de forma correta, distorcida ou preconceituosa, pelo Outro; a relação harmoniosa ou disfórica entre a visão que o grupo tem de si e a visão que o Outro tem do grupo; as mudanças, em resultado das escolhas individuais e coletivas, do contacto com outros grupos, e de possíveis necessidades de adaptação.

Naturalmente, a convivência multiétnica resulta, por vezes, em conflitos, e questões como a discriminação, a igualdade de oportunidades ou o direito a preservar a sua cultura. Sobretudo a partir da década de setenta, estes aspetos continuam a ser acaloradamente debatidos na academia, nos meios de comunicação social, nos fóruns jurídicos, nos organismos governamentais e em organizações de defesa dos direitos civis (Gutmann 3).

3. Principais grupos étnicos nos EUA

Nos Estados Unidos, existem fundamentalmente cinco grupos étnicos: o ameríndio, o asiático, o afro-americano, o hispânico (que inclui os chicanos), o euro-americano. Naturalmente que cada um deles pode ser ainda subdividido: os ameríndios de acordo com as várias tribos; os asiáticos em americanos de origem chinesa, japonesa, filipina, ou vindos desses países, etc.; os euro-americanos em americanos de origem irlandesa, escocesa, alemã, etc.; os afro-americanos apresentam uma dificuldade de subdivisão maior, devido ao “melting pot” entre tribos, no contexto do escravagismo.

A identidade é, pois, um conceito complexo e delicado, que procurarei abordar, através de contos escritos por autores contemporâneos, vários deles ainda vivos e em atividade, pertencentes a diversas etnias. O meu objetivo será procurar descobrir como estes plasman ficcionalmente o “sentido do nós”, nas suas personagens, locais, épocas e enredos. Ao mesmo tempo, revelo a imagem, por vezes disfórica, que cada grupo étnico possui do Outro.

Na globalidade, intersetando Literatura, História, Sociologia, Antropologia, entre outras disciplinas, procuro mostrar a dinâmica interétnica, numa nação complexa, por vezes em conflito, e sempre em mudança.

Bibliografia

- Crèvecoeur, Hector St. John. *Letters from an American Farmer* [1782]. New York: The New American Library, 1963.
- Deng, Francis. *War of Visions: Conflict of Identities in the Sudan*. Washington: Brookings, 1995.
- Fischer, Michael M. J. "Ethnicity and the Post-Modern Arts of Memory." *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Eds. George E. Marcus Clifford. Berkeley: U of California P, 1989. 194-233.
- Fuchs, Lawrence. *The American Kaleidoscope: Race, Ethnicity and the Civic Culture*. Hanover: Wesleyan UP, 1995.
- Gillespie, Marie (1995). *Television, Ethnicity, and Cultural Change*. New York: Routledge.
- Glazer, Nathan, and Daniel Moynihan. *Beyond the Melting Pot: The Negroes, Puerto Ricans, Jews, Italians, and Irish of New York City*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- Gossett, Thomas. *Race: The History of an Idea in America*. Oxford: OUP, 1997.
- Gutmann, Amy. "Introduction." *Multiculturalism*. Ed. Charles Taylor. Princeton: Princeton UP, 1994. 3-24.
- Higham, John. *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism*. New Brunswick: Rutgers UP, 1992.
- Jones, Maldwyn Allen. *American Immigration*. Chicago: U of Chicago P, 1992.
- Klier, John Doyle, and Shlomo Lambroza. *Pogroms: Anti-Jewish Violence in Modern Russian History*. Cambridge: CUP, 2004.
- Sollors, Werner. *Beyond Ethnicity: Consent and Descent in American Culture*. New York: OUP, 1986.
- Steinberg, Steven. *Race and ethnicity in the United States: Issues and Debates*. Malden: Blackwell, 2000.

Sinopse

Os Estados Unidos da América constituem uma nação multicultural, onde convivem os mais variados grupos étnicos: ameríndios, negros, euro-americanos, etc. A literatura aborda este universo, refletindo acerca de fenómenos como a identidade, o racismo ou a assimilação. Nesta obra, João de Mancelos estuda doze contos, da autoria de Toni Cade Bambara, Maxine Hong Kingston, Rudolfo Anaya, Sandra Cisneros, Sherman Alexie, Katherine Vaz, entre outros. Tais narrativas são analisadas num estilo vivo e acessível, proporcionando ao leitor uma introdução cativante às letras e à sociedade estadunidense.